

DESENHO: ARQUEOLOGIA DA LINGUAGEM

“Desenhos são, na maioria das vezes, objetos de papel e alguns acreditam que desenhar é a tarefa mais rápida da arte. Mas a arte deve muito ao ‘quase nada’[...]” Waltércio Caldas

Interesso-me pelas histórias que a linguagem escrita não consegue registrar, pelas pré-histórias. Essa história-anterior não é o suposto ponto de início de uma linha do tempo horizontal, dividida em eras, séculos e anos. Mas sim a fundação de uma obra vertical que ergue-se a todo momento, que é qualificada, modificada, derrubada e re-fundada pelo conjunto das nossas experiências. Essa obra: o ser humano.

“(...)Talvez não seja mau que o pintor e o escritor não saibam muito bem que estão fundando a humanidade(...)” Merleau-Ponty

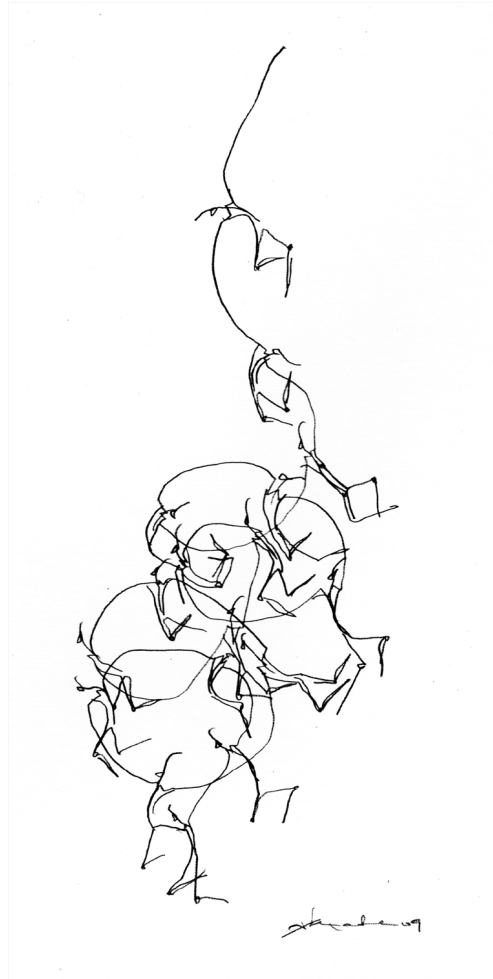
Merleau-Ponty afirma que o homem é fruto de uma história de relações dinâmicas, para pensá-lo a ciência tem de resgatar a historicidade primordial que se insere em nós desde nossa formação orgânica, e que nos atinge a todo momento. Para Kant o homem nasce com *a priori* de conhecimento puro.

Como artista [cientista/investigador de linguagem] lido no exercício criativo com o reflexo dessa historicidade + conhecimento puro. Me interesso pelo ser humano como produto dessa fusão que une indivíduos como espécie - ou espírito - a um todo do universo humano. A arte é um veículo que dá forma, corpo e textura à essa fusão universal; porque ela possibilita a transcendência de ser/sentir da experiência comum quando a re(a)presenta.

Somos seres perpendiculares ao mundo, posição que governa todas as nossas relações. Nossa linguagem se debruça sobre essa perspectiva de vida: nos conhecemos nos reconhecendo no mundo. É para o ser no flagrante do tempo anterior aos nomes, às qualidades e individualidades que atualmente vetorizo minha produção. E desconheço forma melhor para fazê-lo do que via desenho.

Nosso pensamento se dá por imagens, o desenho é a imagem e meio que ultrapassa o artístico e possibilita o contato direto com o pensar. Ele é a primeira linguagem

gráfica, e detém o alcance universal de dizer, traduzir, marcar, gravar, indicar, resgatar tudo aquilo que faz parte do código humano.



O desenho é o fundador das primeiras histórias que temos notícias. Nesse sentido Lascaux, Altamira e a Serra da Capivara são territórios ontologicamente humanos, ainda que nenhum deles tenha sido arquitetado por nós. Eles são uma reserva, uma espécie de embrião do homem que (ainda) somos hoje. Um homem que tem necessidade de aprender, contar, transformar, reviver e guardar suas histórias. Revisitamos esses ancestrais toda vez que, por exemplo, rabiscamos um “homem de pauzinhos”. É ele que está incrustado ou pintado sobre aquelas pedras, e que reaparece nos guardanapos de papel de uma lanchonete.

O momento da criação é, na verdade, um momento de investigação da forma interna que reaparece no suporte. Essas coreografias, melodias e formas que renascem através da arte são flagrantes dessa pré-história humana. Dessa história geral que língua ou método algum tem o poder de apreender ou contar, porque nossa pós-história separa-nos uns dos outros.

Nossa história geral, comum, vive em cada indivíduo. O artista lida sempre com os conteúdos da humanidade, que são e sempre serão os mesmos. A história e suas marcas fundam e refundam repertórios o tempo todo em nossas vidas.

O que separa um homem recém-nascido de um outro, mais velho que o venha a conhecer; ou separa um desenho-ancestral do homem contemporâneo que o reconheça é nossa história individual.

O que nos individualiza é essa qualificação dinâmica do nosso Ser no mundo. Esse conjunto de experiências não produz um conteúdo que pode ser apreendido/acessado apenas na fruição de um objeto representado. Por isso, vale ressaltar que importância que se agrega a um desenho - pré-histórico das cavernas ou corriqueiro dos guardanapos - varia de acordo com o contexto, ainda que sua forma pareça a mesma.

O “homem de pauzinhos” abstrato, rápido, simples, ou *naïf* revisita o nosso lugar-comum, nossa história orgânica no mundo no momento em que é feito. Desenhando um homem, revisitamos seu nascimento. O artista, como qualquer outro profissional, se dedica ao terreno do universo humano. Suas escolhas e pontuações configuram seu rastro específico nesse lugar-comum.

A arte tem o poder de gênese que funda uma promessa de vida e significação exteriores ao simples existir representado. Ela possibilita a interferência e reprogramação desses códigos genéticos formadores de vida. Ao ver uma obra de arte nos deparamos com a pegada, não com a história do trajeto.

Alexandre Matos - verão, 2009